

# CADERNO DE RESUMOS



**semana de LETRAS** CESP-UEA

**O Ensino de Língua e Literatura:**

os desafios do ensino remoto no Baixo Amazonas

**02 a 06 de maio de 2022**

**PARINTINS – AM**



*Colégio de Letras*

*Latinitates*  
Plataforma de Estudos Clássicos

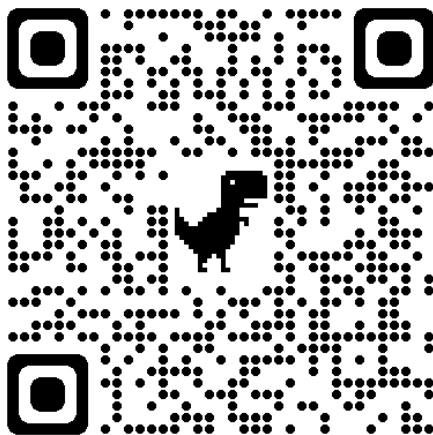
**UEA**  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Weberson Fernandes Grizoste  
(Org.)

# CADERNO DE RESUMOS DA XIII SEMANA DE LETRAS

<https://letrascesp.weebly.com/>  
[https://www.youtube.com/channel/UC1EGzq\\_QuCzbb61jzIVLFmg](https://www.youtube.com/channel/UC1EGzq_QuCzbb61jzIVLFmg)

ISBN: 978-65-00-44606-7



QR Code do Canal no YouTube

Universidade do Estado do Amazonas  
Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Colegiado de Letras

Parintins – AM

2022

## A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O TEATRO ROMÂNTICO

Gisely Garcia Lima [UEA]

Weberson Fernandes Grizoste [UEA]

Este artigo é de caráter bibliográfico e tem como objetivo analisar fenômenos de estética da Recepção fazendo um estudo da relação entre autor, obra, leitor, crítico e expectador. Após compreender essa relação, o estudo se aprofundará na ligação da estética da recepção do Teatro Romântico. O estudo ainda permite conhecermos sobre a arte dramática do Teatro Romântico e a forma que foi recepcionada essa nova forma de expressão.

**Palavras-chave:** Estética de Recepção. Dramaturgia. História. Teatro Romântico. Análise.

### INTRODUÇÃO

Hans Robert Jauss (1978) e Bloom (1991) são as principais fundamentações em nossa pesquisa sobre a estética da recepção. De acordo com a Teoria proposta por Jauss (1978), o leitor é um ser dinâmico e não passivo. Com isso, Jauss nos faz compreender que o leitor desempenha um papel importante na literatura, como se ele completasse o que falta no próprio texto. A obra não é uma criatura parada no tempo, ao contrário, algo contemporâneo pode, futuramente, tornar-se obsoleto e ultrapassado. Mas haverá sempre uma recepção leitora para acompanhar as mudanças que ocorrem junto com os períodos literários - a isto Jauss (1978, p.253-254) chama «actualisation» e «réactualisation»; algo que Bloom (1991, p. 78) denominaria «reversionismo»: “a Influência Poética, embaçada pelo tempo, faz parte do fenômeno maior do reversionismo intelectual”.

Nesta Comunicação pretende-se situar a «estética da recepção» ao lado do «teatro romântico. Sabe-se que o romantismo circunscreve a um período pós Revolução Francesa e é contemporânea da Revolução Industrial; e que o romantismo protagonizou o desenvolvimento de uma estética mais individual e não mais social. A partir de então o texto que predomina no teatro é o melodrama, e o ser humano passou a ser o centro do teatro romântico, pois os textos começaram a falar da emoção das personagens: “manifesta-se então o mundo através da poesia, a poesia do teatro – iluminação efetiva da consciência, clareza das formas exteriorizadas, simplificação e *catarsis* de todos os mistérios, os remorsos e as lágrimas” (Jacobbi, p.11).

### METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido como parte do Projeto de Iniciação Científica (PAIC) de acordo com o método bibliográfico. No âmbito da

pesquisa da estética da recepção foi adotado os estudos de Jauss (1978) e Bloom (1991); para análise da relação aristotélica sobre dramaturgia, história e recepção foi adotado a própria *Poética* de Aristóteles (2003) e Caponnetto (2002).

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRIA

A tese central da «estética da recepção» é que o «receptor/leitor» parte de um «horizonte de expectativas» «*erwartungshorizont*» e «probabilidades típicas», conscientes e subconscientes (Jauss, 1978, p. 74-75), passa a ter um papel questionador das obras literárias, tornando-se um crítico literário, seja por uma reflexão, uma indagação ou interpretação. Neste processo, dialoga-se com obras antigas e contemporâneas. Vê-se a leitura para além da decodificação, vê-se como uma experiência estética – de compreender a intenção do autor, o contexto histórico e a relação do tema ficcional com a realidade de mundo. A interpretação que surge daí é responsável por estabelecer uma relação entre «autor/obra/leitor/receptor».

O «autor» tem a intenção de repassar uma mensagem ao «leitor/receptor». A «transmissão» pode ser compreendida, aceita ou criticada. O «sentido» é uma «fusão de horizontes»<sup>3</sup>: um horizonte do presente «do intérprete» e um horizonte do passado «inscrito no texto». Nesse ato pode ocorrer uma apropriação do «sentido» do texto para além do que previa o seu «autor». E esta «apropriação» pode incomodar o autor: “o que os escritores podem sentir como angústia, e o que suas obras são obrigadas a manifestar, são as consequências da apropriação poética, mais que a sua causa.” (Bloom 1991, p.24). A troca de interesses está na perspectiva que um tem do outro, «escritor/obra/público leitor», a forma individual de recepção de uma obra é que permite mudanças, fazendo com que esse processo continue por meio de outros leitores.

Para situar o «teatro romântico» evocamos Gonçalves Dias, pois além de ser conhecido, por muitos, como o maior escritor do romantismo, também tradutor, das obras de Schiller e Goethe. Esse lado tradutor de Gonçalves Dias ainda é pouco estudado, aparecendo mais como escritor

---

<sup>3</sup> A compreensão é um processo de «fusão de horizontes», «*horizontverschmelzung*», e teve importância nuclear na teoria hermenêutica de Gadamer, e encontra-se em sua obra «*Verdade e Método*», originalmente publicada *Wahrheit und Methode*, Tübingen: J. C. B. Mohr, 1973.

nacionalista e indianista. A par dos temas nacionais, dedicou-se ao teatro de assunto europeu.

Ao teatro Gonçalves Dias se se havia dedicado bem cedo, em Coimbra, escrevendo “Patkull” e “Beatriz Cenci”. Seguiu o impulso da época, em que os poetas românticos se atiravam todos a fazer peças, na esperança de renovar o grande alento lírico-irônico-trágico de seu precursor, Shakespeare, e de voltar a estabelecer um diálogo aberto entre poesia e o povo (Jacobbi, 1958, p.39).

Grizoste (2013, p. 408) apontou que estes teatros “eram ambientados demasiadamente ao europeísmo”, e que não foi capaz de realizar um único teatro indianista<sup>4</sup>; mas lembra que “*Hamlet*, *Otelo*, *Júlio Cesar* e *Romeu e Julieta* não têm nada que ver com a história inglesa”, posto que Shakespeare, é um poeta essencialmente inglês. De fato, o teatro gonçalvino deve muito à Schiller e Shakespeare. Do primeiro, o valor estético está na recepção e vontade de investigar e traduzir as obras do seu antecessor no Teatro Romântico; já do bardo inglês, o próprio Gonçalves Dias não esconde a influência de «*Otelo*» em «*Leonor de Mendonça*». Se olharmos o lado estético dessa união de autores, em que sempre haverá alguém a dar devido valor estético a sua obra, haverá sempre a ligação «autor/obra/receptor»; isto na medida “em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejem imita-la, sobrepuja-la ou refutá-la” (Jauss, 1994, p. 26). Assim, Gonçalves Dias não só foi apenas um «leitor/tradutor» da obra de Schiller, mas o «expectador» especial de uma obra de um período passado, mas tão contemporâneo naquele momento.

Jacobbi (1958, p. 46) elenca dois pontos negativos para compreender melhor o teatro romântico no Brasil através de Gonçalves Dias, “o primeiro é a pouca atenção dada pelos biógrafos e críticos e o segundo fator negativo é a ausência de uma boa edição, de uma verdadeira edição crítica do “Teatro.” Nem sempre reconhecido, como observa Jacobbi (1958, p. 46-47), Henriques Leal publicou o teatro gonçalvino postumamente “por escrúpulos documentário, não reconhecendo quase

---

<sup>4</sup> Por outro lado, a tese central de Grizoste (2013, p. 120) é que o maior dos paradoxos de Gonçalves Dias é ter o seu “índio, nobre europeizado à força e tornado adorador de Tupã nas convenções de um cristianismo camuflado, o etnógrafo também é um missionário católico”.

nenhum valor, e até pedindo aos seus leitores um ato de indulgência para com a mocidade do dramaturgo”. É claro que isso aconteceu em um momento que Leal não poderia supor, nem sequer imaginar o valor inestimável daquelas obras teatrais para a cultura brasileira.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a investigação realizada, a «Estética da Recepção» coloca o leitor como centro, como parte principal do texto, ou seja, da estética; e para ser um bom leitor é necessário tornar-se um leitor crítico, como é possível comprovar em Bloom (2002). Por decorrência dessa importância do leitor, a literatura, assim como os gêneros literários visam transmitir uma mensagem para uma geração leitora – o que pudemos comprovar no caso do Romantismo, e por consequência no Teatro Romântico. Este buscou transmitir mais a realidade, saindo do conflito da ação, adentrando no conflito da realidade ficcional com a realidade do mundo real. A partir de então o ser humano passou a ser tratado individualmente, e não mais socialmente. Ao menos, dois únicos prólogos que escrevera, Gonçalves Dias deixa claro que a sua obra dizia-se de si próprio e dos seus.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES, **Poética**, Trad. Ana Maria Valente. 3ª edição. Lisboa, 2008.
- BLOOM, Harold. **A angústia da influência: uma teoria da poesia**, trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.
- CAPONNETTO, Antônio, **Poesía e Historia: Una significativa vinculación**, Buenos Aires, Nueva Hispanidad Académica, 2002.
- DIAS, Antônio Gonçalves, **Poesia e prosas completas**, org. Alexei Bueno, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.
- GRIZOSTE, Weberson. **Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada Brasileira**. Coimbra: FLUC, 2013.
- JACOBBI, Ruggero. **Goethe, Schiller, Gonçalves Dias**. Porto Alegre. Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul, 1958.
- JAUSS, Hans Robert. **A História da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- . **Pour une esthétique de la réception**, trad. Claude Malillard. Paris: Gallimard, 1978.
- PALLOTTINI, Renata. **Introdução à dramaturgia**. Editora Ática S.A. São Paulo. 1988.

